

Alberto Henriques de Araújo nasceu na freguesia de S. Pedro, no Funchal, no dia 3 de Março de 1903. Estudou no Liceu do Funchal, onde concluiu o ensino secundário, após o que se matriculou na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, tendo-se aí distinguido como um dos melhores alunos do seu tempo, que o elegeram para Presidente da Associação Académica de Coimbra.

Em Coimbra, teve alguns professores que mais tarde se destacariam na política portuguesa do Estado Novo, como Oliveira Salazar, com quem privou e de quem sofreu uma forte influência política, abraçando mais tarde alguns cargos políticos dentro da ortodoxia do Estado Novo.

De regresso ao Funchal, nos finais dos anos vinte do século passado, época em fervilhavam as contradições políticas do regime republicano, vai abrir banca de advogado e participar activamente na política nacional.

Após a morte de Feliciano Soares, em 1931, vai substituí-lo na direcção do Diário de Notícias, do Funchal, cargo que ocupa até Abril de 1974, mantendo até à sua morte uma estreita ligação ao grupo Blandy. As suas ligações a este grande grupo empresarial, há séculos sediado na Madeira, levaram-no a ser um dos seus mais fiéis administradores, com trabalho meritório especialmente como administrador do Reid's Hotel. Foi também, como representante da sua família, um dos administradores da maior empresa de vinhos madeirense, a Madeira Wine Association. Após a saída do seu irmão Juvenal da direcção da Associação Comercial do Funchal, assumiu também aquele cargo. Fez parte do Conselho Municipal da Junta Autónoma dos Portos e do Conselho de Turismo da Madeira.



Foto: Museu "Vicente"

Alberto Araújo

Conhecido como um dos maiores tribunos madeirenses de sempre, tinha o condão de saber falar para a audiência que o ouvia, empolgando-a com os seus discursos

Emanuel Janes

Mas foi no cargo de deputado, exercido durante várias legislaturas (de 1945 a 1969), que mais se destacou. Conhecido como um dos maiores tribunos madeirenses de sempre, tinha o condão de saber falar para a audiência que o ouvia, empolgando-a com os seus discursos. Na Assembleia Nacional, defendeu sempre o todo nacional como era apanágio do regime que servia; os deputados não eram eleitos para defender a sua região de origem mas para defenderem a nação. No entanto, nunca se esqueceu de defender as necessidades da sua terra, levando à tribuna por várias vezes os seus problemas e tentando a sua resolução,

de modo particular no que se refere ao sector do turismo. Lembramos aqui que muitas das seculares aspirações dos madeirenses são, paradoxalmente, resolvidas pelo Estado Novo e por Salazar, embora este nos tenha castigado, especialmente pela irreverência dos madeirenses de quererem fazer um país democrático, com a célebre Revolução da Madeira de 1931.

Como deputado, fez parte de várias comissões, nomeadamente, de economia, finanças e negócios estrangeiros. Foi um dos membros das Comissões Eventuais da Assembleia Nacional que estudaram a reforma da Lei do Inquilinato e da Lei Orgânica do Ultramar. O seu prestígio de economista fê-lo fazer parte, em 1944, da delegação portuguesa à Conferência Económica Internacional de RJC, nos Estados Unidos da América.

Além deste profícuo trabalho na Assembleia Nacional, Alberto Araújo proferiu inúmeras conferências que lhe granjearam algum prestígio. Lembramo-nos daquela que funcionou como referência para este tribuno, que foi proferida em 1944, na Sociedade de Geografia de Lisboa, subordinada ao tema "Madeira Jónia do Império".

Foi presidente da Comissão Distrital da União Nacional, em cujos congressos a nível nacional se empenhou, especialmente nos últimos em que participou, redigindo algumas das suas teses.

No final da sua vida, depois de assistir a todo o desenvolvimento trazido pela chamada "Madeira Nova", afirmava ter orgulho no progresso da sua terra, após 1974, mas que tinha saudades da "Madeira Velha".

Foi condecorado com a Ordem de Cristo e Palmas Académicas de França.

Faleceu no Funchal no dia 28 de Outubro de 1997. ☉